

... Classes Populares

João Carlos Caribé // @caribe

A Internet há muito deixou de ser apenas uma rede de computadores; ubiquamente¹ ela permeia o tecido social e se torna invisível. Vai sendo incorporada ao nosso ecossistema social de modo tão eficiente, que hoje muitos de nós não saberíamos mais viver sem ela. A dicotomia real x virtual já não faz mais sentido; ela é apenas um instrumento metafórico que nós, imigrantes digitais, usamos para fazer a ponte com os “analógicos”, e para que possamos entender a revolução que vai se desenrolando a passos largos. Para os nativos digitais² essa dicotomia simplesmente não existe, assim como muitos outros dogmas e valores do século XX, que começam a ser questionados no novo choque de gerações.

Esse novo ecossistema social deu voz aos excluídos, permitiu conectar ideias e ideais, mudou radicalmente o modelo de comunicação de massa. Democratizou o acesso ao conhecimento e à produção cultural e intelectual, e segue criando novas formas de relacionamentos. A facilidade e velocidade de se produzir e consumir informação nesse espaço alavancou

o conceito da instantaneidade³ e sublimou romantismo do “furo jornalístico”, vários grandes fatos recentes noticiados pela mídia mainstream⁴, foram antes noticiados pela mídia “mystream”⁵.

A teia global se transformou numa colmeia global⁶, onde a construção coletiva e cognitiva do conhecimento está formando a Inteligência Coletiva⁷, são os prosumers⁸ que trabalham em crowdsourcing⁹ para isso. Os fatores geográfico e social não são mais os únicos a delinear os grupos de interesse; pessoas se agrupam por afinidade ideológica com grande facilidade, e sem necessariamente estarem geograficamente próximos, ou serem da mesma classe ou grupo social¹⁰. Essas inovações também estão mudando as formas de articulação da sociedade e da política.

O mundo real é plural, além dos nativos e imigrantes digitais, mas temos também os excluídos digitais, que justamente por não estarem participando dessa revolução, estão involuntariamente aumentando o gap de sua própria exclusão social.

Em números absolutos o Brasil é o quinto país com o maior número de usuários de Internet¹¹, ficando atrás apenas de China, Estados Unidos, Japão e Índia. Se levarmos em conta a penetração da Internet, o Brasil fica abaixo dos 50 primeiros. Com uma penetração de 43% da população¹², o Brasil fica acima da média da América Latina, que é de 34,8%¹³, e da média mundial que é de 28,7%, e acima da média de penetração do BRICs que é

de 22,5%, sendo o Brasil nesse bloco o país que melhor se posiciona. Em relação ao G8, que possui uma penetração média de 70,2%, o Brasil está muito distante. Se levarmos em conta o crescimento de 13% registrado no período de 2008 para 2009, levaremos quatro anos para atingir a penetração atual do G8. Manter ou aumentar essa taxa não é tarefa fácil. O Brasil é um país enorme tanto em tamanho como em diversidade. Na prática a penetração do acesso nos centros urbanos é de 47% contra 21% nas áreas rurais. Existem ainda grandes diferenças entre as regiões sul / sudeste e norte / nordeste, faixa etária, classe social, dentre outras, assim como nas formas e locais de acesso.

O Governo Federal tem atualmente 23 programas de inclusão digital¹⁴, distribuídos em cinco áreas de atuação específicas que identifiquei como: Monitoramento, Infraestrutura, Fomento de negócios, Acesso, Educação e capacitação. Os programas são: ONID como programa de monitoramento; GESAC e o PNBL na infraestrutura; No fomento de negócios, o CVT, Maré e Programa Estação Digital. No acesso temos o Programa Banda Larga nas Escolas, Casa Brasil, Kits Telecentros, Telecentros.BR, PSID, Projeto Computadores para Inclusão, Quiosque do Cidadão, Telecentros Banco do Brasil, Territórios Digitais, Centros de Inclusão Digital, Computador para Todos. Por fim, na educação e capacitação temos o CDTC, Pontos de Cultura, TIN, UCA, Programa Computador Portátil para Professores e o ProInfo.

Além destes, temos de contabilizar o trabalho de inclusão digital proporcionado pelos centros pagos de acesso público, as lan houses, que concentram 45% dos acessos à Internet no país¹⁵, e com grande penetração justamente nas áreas mais carentes. Organizações como a ABCID, CDI, CUFA, RAIIO e SEBRAE¹⁶ desenvolvem excelentes programas para a Inclusão Digital e fomento de negócios pela Internet. E para ser justo, temos ainda de adicionar na conta os milhares de programas de inclusão digital nas esferas estaduais e municipais e milhões de iniciativas voluntárias.

A criação da nova secretaria de inclusão digital interministerial, envolvendo pelo menos 13 ministérios é uma sinalização clara de que o governo deseja intensificar a inclusão digital no país.

Este é o momento mais propício para avaliar os programas existentes de forma estratégica, avaliar seus resultados e pensar nos principais objetivos da inclusão digital para o futuro do país. Mas para que a inclusão digital? E com que objetivo?

No Livro Brasil 2022, uma projeção bem interessante desenvolvida pela Secretaria de Assuntos Estratégicos do Governo Federal, existem objetivos claros que apontam a necessidade de uma inclusão digital intensa. São eles: a necessidade de aprofundar políticas públicas de redução da desigualdade, redução da assimetria dos Estados, maior participação da sociedade nos temas do executivo e do legislativo, questões ambientais, e tudo

isto baseado em um moderno sistema de comunicações que permita a participação da sociedade no sistema econômico e social.

Segundo Castells, desenvolvimento sem Internet na era da participação seria o equivalente à industrialização sem eletricidade na era industrial. Ele reforça ainda, que sem uma economia e gestão baseados na Internet, qualquer país tem pouca chance de gerar os recursos necessários para cobrir suas necessidades de desenvolvimento num terreno sustentável sob todos os aspectos.

Em pesquisa recente identifiquei nove objetivos da inclusão digital que são o acesso à informação e conhecimento, produção cultural, produção científica e acadêmica, empreendedorismo, e-gov, educação, negócios, questões ambientais e construção coletiva (construção da inteligência coletiva). Por fim, enquanto a inclusão social tem como meta principal a construção do cidadão, podemos afirmar que a inclusão digital tem como meta principal a construção do e-cidadão.

A construção do e-cidadão

Para atingir os objetivos da inclusão digital, é necessário pensar muito além do simples acesso ou conhecimento técnico. É preciso entender como são construídas as relações dos incluídos (nativos e imigrantes digitais) com a rede e com seus pares dentro do ecossistema social. Em 2008 publiquei em meu blog a Pirâmide das

Necessidades em Mídias Sociais¹⁷, baseada na Hierarquia das Necessidades de Maslow¹⁸. Essa pirâmide apresenta as etapas das relações dos usuários com a rede e seus pares, desde o acesso inicial até se tornar uma ciber celebridade. A mesma pirâmide pode ser aplicada perfeitamente nas necessidades a serem percorridas no processo de inclusão digital e construção do e-Cidadão.

Construção do e-Cidadão

A Pirâmide das necessidades em mídias sociais



Conhecimento tecnológico – Conhecimento técnico mínimo necessário para permitir o usuário utilizar um dispositivo computacional.

Conexão, acesso – Esta segunda etapa está dentro dos objetivos de infraestrutura e acesso.

Interação, participação – É o momento em que o usuário começa a interagir em mídias sociais, é o momento das descobertas que em geral são feitas com pares próximos - laços fortes.

Estima, reconhecimento – O usuário já transita com facilidade no novo espaço e tornou-se de fato um interagente, um prosumer que produz e compartilha em busca de estima e reconhecimento.

Autorrealização – O usuário conseguiu produzir relevância junto aos seus pares, e dentro do seu nicho de atuação é uma ciber celebridade, conquistou respeito e admiração.

A quebra de barreiras geográficas e culturais proporcionada pela Internet permite que as pessoas se agrupem por interesses e ideologias, e cada grupo desses é um nicho. Dentro de cada nicho temos a transição entre os três últimos degraus da pirâmide e, em geral, quem é ciber celebridade em um nicho pode estar no segundo ou até no terceiro degrau em outro. Chris Anderson sistematizou a teoria da cauda longa¹⁹; aproveitando essa teoria podemos afirmar que na Internet sempre existirão mais usuários em pequenos nichos do que em mega nichos.

Com o incremento da inclusão digital, em breve não terá mais sentido falarmos em pirâmide, pois os dois primeiros degraus tenderão a uma redução, tornando nosso exemplo mais próximo de um losango. Mas qual a proporção atual de usuários em cada uma das etapas?

Kelly Mooney apresentou no seu livro *The Open Brand* o estudo e-citizens, de 2007, que se conectado com a nossa pirâmide dividiria o degrau interação e participação em dois, que seriam o que ela chama de competência e coletivismo e que incluiria 90% dos usuários de Internet. Um dos objetivos da construção do e-cidadão é levá-los para a fase da mudança cultural onde, conseqüentemente, serão construídas novas e-celebridades. É nessas duas fases ou nos dois últimos degraus da pirâmide que encontramos o que podemos chamar de e-cidadão.



Podemos observar na construção do e-cidadão que ele transita de um espaço de colaboração intensa com laços fortes – pessoas com quem nos relacionamos online e também offline – para um espaço de colaboração com laços fracos²⁰ – pessoas com quem nos relacionamos apenas online. Ainda nesse processo, temos claramente a percepção da troca de uma relação de colaboratividade para uma relação de individualismo. Temos também um outro elemento a ser percebido que é decorrente da inclusão digital: a redução do Índice de Distância do Poder (IDP). Isto se dá porque a Internet facilita o contato entre as pessoas e dispensa intermediários, assim nos tornamos próximos de políticos, celebridades e empresários. Geert Hofstede desenvolveu o estudo das dimensões culturais da sociedade em mais de 70 países. Desse estudo ele extraiu o que chama de cinco dimensões; para este artigo usaremos apenas duas delas: IDP e IDV (Índice de Individualismo).

Ao cruzar os dados dos índices de Geert com os dados de penetração da Internet percebemos que os países onde temos a maior penetração, temos a redução do IDP e o aumento do IDV. O IDP médio do G8 é de 52 e o IDV de 70, sendo os Estados Unidos o país mais individualista do bloco, com um IDP de 40 e um IDV de 91. A América do Sul possui um IDP médio de 66 e um IDV de 26, e o Brasil possui respectivamente 69 e 38. Tal análise nos leva a crer que a construção do e-Cidadão leva ao crescimento do Individualismo dentro da cultura nacional, o que segundo Bobbio é interessante para o

desenvolvimento da democracia, uma vez que o individualismo faz com que as massas não fiquem estagnadas. A questão é que se o individualismo for a regra e não a exceção, poderemos perder um ponto forte dentro do nosso ecossistema social.

Clay Shirky, no documentário *Us Now*, coloca por terra esse temor e apresenta um novo olhar sobre a sociedade atual:

O que aconteceu no século XX foi na verdade a anomalia. Nós estamos vendo uma reversão a um padrão humano muito comum e profundo de se fazer o bem porque nós gostamos uns dos outros, fazer coisas porque nos importamos uns com os outros, fazer coisas que nos trazem reconhecimento e reputação capital.

Dessa forma, no espaço da cidadania estaremos reforçando o novo elemento da matriz de força que constitui os poderes da democracia. Não podemos mais nos restringir a apenas três poderes do Estado²¹ e às corporações²² como o quarto poder; hoje temos claramente a construção de um quinto poder²³ que é a sociedade organizada e conectada (e-cidadania), ou seja, os e-cidadãos. A perfeita composição dessa matriz de poderes é muito importante para o aprimoramento do estado democrático no século XXI.

Referencias Bibliográficas

- Amadeu, Sérgio. (2010). Cidadania e redes digitais - São Paulo,SP: CGI.br.
- Barbosa, A. (2011). Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil 2005 - 2009 - São Paulo,SP:CGI.br
- Bobbio, Norberto (2010). Liberalismo e Democracia - São Paulo,SP:Brasiliense
- CASTELLS, Manuel (2003). A galáxia da internet - Rio de Janeiro,RJ: Jorge Zahar
- Gilmore, Dan (2006). We the media: Grassroots journalism by the people for the people - Sebastopol,CA: O'Reilly
- Mooney, Kelly. (2008). The Open Brand - Berkeley,CA:New Riders.
- Secretaria de Assuntos Estratégicos (2010). Brasil 2022 - Brasília, DF: Governo Federal
- Hartford, Hugh. (2009). Us Now - Filme - Londres, UK: Banyak Films. Disponível em <http://watch.usnowfilm.com> acesso em 26/03/2011
- Hofstede, Geert. Geert Hofstede Cultural Dimensions. Disponível em <http://www.geert-hofstede.com> acesso em 29/03/2011
-

Notas

¹ Ubiquidade - É o sinônimo de onipresente. A expressão ubiquidade foi adaptada do termo ubiquitous computing que é utilizado para referenciar a computação e conectividade a partir de dispositivos autônomos como chips, celulares, smartphones, pads, notebooks, e interfaces computacionais conectadas.

² Nativos Digitais são aqueles nascidos após o surgimento da Internet comercial, como citado por Marc Prensky (<http://bit.ly/5tr04>)em seu artigo Digital Natives, Digital Immigrants.

- ³ Entropia - A instantaneidade, o crowdsourcing e o jornalismo social - <http://bit.ly/cpisaK>
- ⁴ Mainstream em comunicação significa mídia de massa - Wikipedia - Mainstream - <http://bit.ly/8ICV7v>
- ⁵ Mystream é uma adaptação do termo mainstream baseado no livro We The Media de Dan Gillmor que estuda o jornalismo das pessoas para as pessoas. Entropia - Mainstream x mystream e o cauda longa da comunicação - <http://bit.ly/esqed7>
- ⁶ Colmeia global - Decidi usar o termo colmeia global para demonstrar o que foi falado no texto de que a Internet foi incorporada no tecido social formando um novo ecossistema social. Tal metáfora foi baseada na mensagem latente do filme Avatar que nos mostra de forma ostensiva a interconexão de todos os elementos do ecossistema. Além disso o termo passa a ideia real de colaboração e interação que hoje vemos na Internet.
- ⁷ Wikipedia - Inteligência coletiva - <http://bit.ly/gwdI4E>
- ⁸ Wikipedia - Prosumer - <http://pt.wikipedia.org/wiki/Prosumer>
- ⁹ Wikipedia - Crowdsourcing - <http://pt.wikipedia.org/wiki/Crowdsourcing>
- ¹⁰ BlueBus - Quando estão online os jovens das classes A e C são praticamente iguais - <http://bit.ly/HasDI>
- ¹¹ Internet World Stats - Top 20 countries with the highest number of internet users - <http://bit.ly/WkAo>
- ¹² Segundo o estudo apresentado no Internet World Stats (<http://bit.ly/d00bi>) a penetração do Brasil fica em torno de 37,8% com dados de população estimados, aplicando o dado correto do ultimo censo de 190.732.694 habitantes, essa penetração aumenta para 39,8%. Dessa forma optei por usar os dados do CETIC (<http://bit.ly/9IaI6Z>) por serem mais confiáveis em se tratando de Brasil, que aponta uma penetração de 43%.
- ¹³ Internet World Stats Latin America - <http://bit.ly/d00bj>
- ¹⁴ Programas de Inclusão digital do Governo Federal (<http://bit.ly/9nSg8c>) some a esses 22 o PNBL (<http://bit.ly/gPWBvw>) totalizando 23 programas.
- ¹⁵ CETIC - Local de acesso individual à Internet - <http://bit.ly/dhJyCR>
- ¹⁶ ABCID (<http://www.abcid.org.br>) , CDI (<http://www.cdi.org.br>) , CUFA (<http://www.cufa.org.br>) , RAI0 (<http://raio brasil.com>) e SEBRAE (<http://www.sebrae.com.br>)
- ¹⁷ Entropia - O Novo Geek e Maslow - <http://bit.ly/dp8XeJ>
- ¹⁸ Wikipedia - Abraham Maslow - <http://pt.wikipedia.org/wiki/Maslow>
- ¹⁹ Wikipedia - Long Tail - [http://en.wikipedia.org/wiki/Long Tail](http://en.wikipedia.org/wiki/Long_Tail)
- ²⁰ Wikipedia - Interpersonal ties - [http://en.wikipedia.org/wiki/Weak ties](http://en.wikipedia.org/wiki/Weak_ties)
- ²¹ Os tres poderes - É a teoria classica de Montesquieu onde o Estado precisa ser constituído de três poderes para o perfeito equilibrio do estado

democrático. Wikipedia - Teoria da Separação dos Poderes -

<http://bit.ly/gDwv75>

²² No documentário “A história das coisas” (<http://bit.ly/rU7Sn>) da Tides Foundation são apresentadas as corporações como um novo poder transnacional.

²³ Quinto poder - Temos observado não só no Brasil com o movimento Mega Não e o Ficha Limpa, mas agora no Mundo Árabe que a sociedade organizada e conectada tem conseguido alavancar grande mudanças, o que para este autor configura o quinto poder, que é também transnacional como o poder corporativo e vem para equilibrar as relações entre os demais.